

**IX CONGRESSO NACIONAL  
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL  
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
**6 a 8 de julho de 2009**  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

## **SIMPÓSIO - DIVERSIDADE TEÓRICA SOBRE O FRACASSO ESCOLAR**

### **O FENÔMENO DO FRACASSO ESCOLAR: A IGNORÂNCIA E A NATURALIZAÇÃO DO DISCURSO**

Leonor Dias Paini\*

Raymundo de Lima\*\*

**RESUMO:** Esta pesquisa intitula-se “*O fenômeno do Fracasso escolar: a ignorância e a naturalização do discurso*”, a qual pretende primeiramente, apresentar uma revisão literária das explicações e discursos tradicionalmente dados para as causas do fenômeno do “fracasso escolar” e num segundo momento apresenta três formas básicas de ignorância em relação ao conhecimento e a necessidade de aprender. A primeira é a ignorância por ingenuidade ou não intencional. A segunda forma de ignorância é intencional e a terceira forma de ignorância é a “douta ignorância”. Percebe-se que podemos continuamente estudar, ler, freqüentar diversos cursos, mas jamais teremos acesso ao saber universal. Por seu lado, a subjetividade humana sempre haverá um resto de ignorância, isto é, algo que sempre escapará a educação - a ignorância. Nossa preocupação, aqui, é mostrar que a nova roupagem da permissividade da sociedade liberal, poderá estar produzindo uma família e uma escola refém da indústria cultural e da dificuldade de diferenciar o espaço entre o prazer e o dever. Nesta pesquisa sobre o fracasso escolar e a ignorância nos utilizamos da pesquisa qualitativa, de caráter teórico, na qual levantamos, nas duas últimas décadas, os estudos mais significativos sobre o insucesso escolar. Conclui-se que, na maioria das pesquisas consultadas, o

---

\* Doutora em Psicologia Escolar e desenvolvimento Humano pela USP/SP. Mestre em Psicologia da Educação pela PUC/SP. Docente da área de Psicologia da Educação do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Maringá – Paraná.

\* \* Doutor em Educação pela USP/SP., Mestre em Psicologia. Docente do Departamento de Fundamentos de Educação da Universidade Estadual de Maringá – Paraná.

# IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

fracasso escolar e social, tem sido atribuído ao próprio aluno, a sua família, ao professor, a escola. E inclusive as patologias, os distúrbios emocionais se justificam em função de uma visão biologizada e psicologizante, carregada de preconceitos e estereótipos sociais, ou seja, uma visão naturalizada do problema. Houve momentos em que até mesmo a culpabilização teve a sua justificativa científica, mas agora, já é possível superar essa situação de aluno vitimizado, essa visão dicotômica e a-histórica, pois a produção científica já nos deu condições e fundamentação teórica-metodológica para compreender, que o aluno, pode desenvolver as suas funções psicológicas superiores e ser um sujeito construtor de sua própria história.

Palavras-chave: Fracasso Escolar, ignorância e naturalização do discurso, problemas de aprendizagem,

## **O FENÔMENO DO FRACASSO ESCOLAR: A IGNORÂNCIA E A NATURALIZAÇÃO DO DISCURSO**

Apesar de uma grande produção científica em torno da questão da repetência e das políticas públicas dirigidas à reversão desse fenômeno, o fracasso escolar parece continuar a engrossar as fileiras exclusão escolar com um discurso fragmentado e naturalizado.

Ao longo dos anos, especialmente no século XIX em razão da democratização da escola, diversas explicações foram atribuídas ao insucesso escolar de crianças pobres, por exemplo, atribui-se a criança, que elas apresentam distúrbios de aprendizagem, problemas emocionais ou comprometimento neurológicos em função da desnutrição, de deficiência mental, ou, de que as crianças são privadas culturalmente. Porém, todos esses atributos foram explicados e respaldados pelas ciências em algum momento da nossa história, que hoje nos soa como um diagnóstico descontextualizado, ou seja, sem considerar a singularidade da criança em seu contexto social.

# IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Esta pesquisa tem a finalidade de apresentar uma revisão crítica das explicações tradicionalmente oferecidas para o fracasso escolar na tentativa de compreender o fenômeno do fracasso escolar. As pesquisas relacionadas ao fracasso escolar realizadas até a década de 1990 ainda que tenham sido analisadas por diversos autores, entre os quais, Gouveia (1971, 1976), Patto (1999) e Tiballi (1998), tem um espaço conquistado, pois contribuíram na contextualização histórica do processo de construção do conhecimento acerca dessa problemática, pontuando as diferentes perspectivas sobre o fracasso escolar, problematizando o que se tem discutido sobre o fenômeno a partir dessa década.

Patto (1990), investigou sobre o fenômeno do fracasso escolar em uma escola pública. Os resultados dessa pesquisa, mostraram a vida escolar, e, que os seus desdobramentos na prática pedagógica, ainda são atuais.

Inicialmente esta autora apresenta em sua pesquisa, as origens dos pressupostos que constitui os preconceitos sociais e os dogmas sobre a inferioridade na perspectiva econômica, história e social das pessoas das classes menos favorecidas por meio do discurso acadêmico (Patto, 1990). Num segundo momento, investiga alunos e professoras de 2 (duas) salas de aula - com a equipe técnica. Como procedimento, realizou entrevistas formais e informais com as famílias. Preocupa-se em fazer um estudo de caso com 4 (quatro) alunos multirrepetentes. Tal instrumentalização possibilitou a autora a significar as explicações tradicionais para o fracasso escolar

O resultado dessa pesquisa, mostrou as tradicionais explicações para as causas do fracasso escolar. Compreendeu-se que na maioria das vezes os preconceitos e estereótipos sociais e uma concepção medicalizada e psicologizante que atribui ao aluno e a família as razões do próprio fracasso na vida pessoal e escolar.

Vale ressaltar um artigo publicado sobre *O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar* por Angelucci, Kalmus e Patto (2004) em que o corpus sobre o qual incidiu tal pesquisa é composto de teses e dissertações defendidas entre 1991 e 2002 na Faculdade de Educação e no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

# IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Foram encontradas e categorizadas e 71 obras, das quais 32 doutorados e 39 de mestrados, destas 13 teses foram selecionadas e analisadas. Com estas temáticas foi possível categorizar e levantar alguns trabalhos que concebem o fracasso escolar como fenômeno estritamente individual. Isso se comprova pelas diversas causas levantadas, são elas: 1) "Distúrbios de desenvolvimento e problemas de aprendizagem", que centra no aluno a responsabilidade pelo fracasso, atribuindo-lhe, predominantemente, problemas cognitivos, psicomotores ou neurológicos. No item 2) Remediação do fracasso escolar e 3) Papel do professor na eliminação do fracasso escolar. Já estas duas categorias responsabilizam ora o aluno, ora o professor e propõem soluções predominantemente técnicas, de base teórica comportamental ou cognitivista, para eliminar o fracasso.

Nesse sentido a atribuição de responsabilidade ao professor é freqüente nas pesquisas que relacionam fracasso escolar e incapacidade técnica. O trabalho docente também é alvo das pesquisas que inserem o fracasso escolar na lógica excludente da escola pública fundamental. No entanto, essas pesquisas, ancoradas numa perspectiva crítica da relação escola-sociedade, partem do princípio de que, para entender o trabalho docente, é preciso considerar o lugar da escola em uma sociedade de classes.

Outra pesquisa mais recente de Angelo (2009) intitulada as "*Concepções de fracasso escolar: de percepções fragmentadas à percepção complexa*" objetivou identificar, discutir e problematizar as diferentes formas de se perceber o fracasso escolar, expressas na literatura educacional. A hipótese levantada é de que há uma tendência em se estudar esse fenômeno a partir de concepções fragmentadas, reducionistas e/ou unidimensionais. Num primeiro momento, foi realizada uma revisão bibliográfica acerca do tema, posteriormente, delineou-se a análise de teses e dissertações que tratam da temática e que foram produzidas em Programas de Pós-Graduação de Educação e Psicologia de universidades sediadas no município de São Paulo, entre os anos de 1991 e 2007. A análise promoveu uma distinção entre as concepções de fracasso escolar que se apresentam em vertentes psíquicas, institucionais e políticas. Os resultados demonstram que as pesquisas, ao recortar o objeto e estudar uma das partes do fenômeno, o tomam como universal, reduzindo a discussão. Esses

# IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

estudos centram as questões ora na falta de conhecimento dos professores, ora na dificuldade das relações interpessoais entre esses profissionais e os estudantes, ora na falta de qualidade das políticas públicas e, ainda, nas relações de poder que se estabelecem nas estruturas escolares. Nas pesquisas selecionadas, tais aspectos são desvinculados do contexto e as concepções de fracasso escolar aí presentes parecem pautar-se em um paradigma simplificador. Entretanto, as diferentes vertentes foram valorizadas e procurou-se articular os encaminhamentos sugeridos pelos diversos autores.

Portanto, Angelo (2009) ao estudar as diferentes concepções de fracasso escolar explicita os vários aspectos que ficam negligenciados na relação com o fracasso escolar que têm impedido a discussão de elementos que interferem tanto na ação dos educadores como na aprendizagem dos alunos. Isso pode estar acontecendo em função de um pensamento reducionista da sociedade, em que se faz presente a necessidade imediata e básica de emprego. Conseqüentemente, incorpora-se a noção de que a escola tem por objetivo preparar a mão-de-obra para suprir a demanda do mercado de trabalho. A sociedade acaba privilegiando essas questões, voltando os olhares para a alfabetização, entendida como ferramenta básica para a adaptação ao trabalho. De forma simplificada, encontram uma relação linear de causa e efeito, em que a não alfabetização gera a retenção e a evasão escolar.

Nessa mesma direção Petraglia (2006) nos alerta sobre a essência da educação. Trata-se de seu papel e de suas finalidades, os quais poderiam ser repensados pelas por toda a sociedade. Sua tarefa primeira não seria a de preparar a pessoa para o mercado profissional, atribuindo-lhe um diploma, mas antes permitir que o aprendiz descobrisse seus sonhos e os diferentes modos de realizá-los. Segundo Almeida e Petraglia, (2006, p. 27-28) “a escola não pode desconsiderar que o *homo sapiens* é também *ludens, faber e demens*. Ele precisa brincar e aprimorar seu poder criador, seu senso estético e crítico, sua capacidade de introspecção e sua sensibilidade”.

## **A representação do fracasso escolar**

Em função da relevância, selecionamos o artigo que trata da *Formação continuada de professores e fracasso escolar*: problematizando o argumento da

# IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

incompetência, publicado por Denise Trento R. de Souza (2006), que ao discutir as causas do fracasso escolar reportou-se a pesquisa de Patto (1990) para ressaltar que a própria escola observa e explicita as dificuldades de escolarização e os problemas conjunturais porque passa. São elas: a) Formação de classes homogêneas; b) focalizar a seleção de alunos mais fracos para a seleção das salas de aula (A, B); c) a estigmatização de grupos de alunos considerados fracos; d) rotatividade do aluno em salas diferenciadas prática de remanejamento – nem sempre antecedida pela necessária preparação do aluno; e) desrespeito no trato com as crianças, subjacente ao hábito comum de repreensões e humilhações públicas, minando sua auto-imagem, ainda em processo de formação; f) submissão dos alunos, em grupos de reforço escolar; g) repetição de exercícios tediosos e atividades desprovidas de significado. h) a existência de expectativas negativas do desempenho escolar das crianças das classes populares; i) presença de estereótipos e preconceitos sociais contra pobres, negros e nordestinos; j) mecanismos perversos de atribuição de classe, além da burocratização e segmentação do trabalho pedagógico, o que relega os professores apenas às tarefas de execução de propostas pedagógicas impostas, de cuja concepção não participam.

Souza (2006) alega que essas questões sentidas na própria escola faz com que, sofram também o mesmo processo de desconsideração de si como sujeitos dotados de uma história pessoal e profissional por meio da qual sua prática docente assume sentido e significado. Isto nos lembra Charlot (2000), uma vez que o aluno em situação de fracasso escolar constitui-se como sujeito e ser social. Esse sujeito é que age no e sobre o mundo e encontra a relação com o saber como necessidade do ser humano.

## **Caminhos a trilhar...**

Ao revisitar a literatura, somada a nossa experiência na psicologia educacional, passamos a refletir qual é o caminho que temos a trilhar.... Por ora, podemos afirmar que para o enfrentamento do fracasso escolar se contrapõe com as incertezas existentes no espaço escolar. Desvelar essas contradições desse fenômeno, que se reproduzem no contexto escolar. Percebemos que é necessário um estudo e acompanhante freqüente dessas questões que, não se pode esquecer, são desdobramentos estão inseridas da

# IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

problemática vivida em cada contexto histórico-social. Portanto, chegamos até aqui, com a convicção de que, infelizmente, ainda predomina o preconceito no cotidiano escolar, tanto no discurso, como na prática pedagógica. Esse fator que poderia ser desmistificado numa análise histórica e social, acaba sendo inculcado pelo processo de biologização das mil e uma causas do insucesso escolar. O que fazer? O desafio para nós educadores é grande, pois significa romper com o preconceito, com uma concepção de mundo e de homem que fundamentou tal vitimização do processo. Todos os envolvidos com a cultura escolar precisam reunir esforços para desvelar o fenômeno do fracasso escolar e da ignorância para passar a compreender o homem como sujeito de sua história, com possibilidades de aprender e apropriar-se do conhecimento historicamente acumulado.

## **2. Sobre a ignorância: para pensar um efeito do superego pós-moderno na família e na escola (notas)**

*“Sábio é o homem que chega a ter consciência da sua ignorância”.*  
Barão de Itararé

Esta segunda parte do trabalho procura dialogar com o leitor sobre as três formas básicas de ignorância em relação ao conhecimento e a necessidade de aprender. A primeira é a ignorância por ingenuidade ou não intencional. A segunda forma de ignorância é intencional e a terceira forma de ignorância é a “douta ignorância”. Conclui que podemos continuamente estudar, ler, freqüentar diversos cursos, mas jamais teremos acesso ao saber universal. Por seu lado, a subjetividade humana sempre haverá um resto de ignorância, isto é, algo que sempre escapará a educação - a ignorância. Nossa preocupação, aqui, é sobre a nova roupagem do superego na sociedade liberal-permissiva. Assim constituída, a sociedade poderá estar produzindo uma família e uma escola reféns do superego pós-moderno, cujo fundamento é alargar o espaço entre o prazer e o dever.

Se vivemos numa sociedade do conhecimento, perguntamos: Será que todos estão comprometidos em aprender? O conhecimento é mais atraente do que a

# IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

ignorância, como imaginava Aristóteles? Alguém que defendeu uma tese de doutorado está isenta de ignorância? Uma pessoa não escolarizada está zerada de sabedoria? Na escola, todos os alunos desejam aprender? Há pessoas que desejam não saber? Essas questões nos orientam no sentido de pensar sobre a ignorância.

A partir daí, passamos a considerar três formas básicas de ignorância: São elas:

A primeira é a **ignorância por ingenuidade ou não intencional**. O sujeito, aqui, “não sabe e não tem culpa de não saber”. Ele ignora por falta de instrução. Ele não tem culpa de ignorar, por exemplo, seu dever de vacinar os filhos<sup>1</sup>, ensiná-los escovar os dentes, fazer higiene pessoal, se prevenir quanto à dengue, Aids, entre outras doenças etc. Se tivesse oportunidade – de informação e conhecimento - essa pessoa deixaria de ser ignorante, e obviamente poderia melhor existir.

Também os loucos, os privados de sono, as tomadas pelo vício das drogas ou álcool, os mal educados<sup>2</sup>, diante de uma frustração tendem a reações impulsivas, não pensadas, às vezes com ataques de raiva ou fúria destrutiva. (O direito prevê a “inimputabilidade relativa” os casos em que um crime é cometido por ignorância: indígenas, retardados mentais e loucos).

Mas a segunda forma de ignorância é **intencional**. A pessoa “não sabe e deseja continuar não sabendo”. É a forma mais perigosa de ignorância porque o sujeito deseja não saber e ainda reforça essa atitude com arrogância do tipo “não sei e tenho raiva de quem sabe”, ou com era comum no cotidiano da década de 1980 quando as pessoas repetiam mecanicamente “não quero nem saber”. Pessoas ontem e hoje demonstram um

---

<sup>1</sup> A revolta popular contra a vacinação obrigatória antivariólica, ocorrida no Rio de Janeiro em novembro de 1904 pode ser um bom exemplo dessa forma de ignorância. Na análise de José Murilo de Carvalho (1987), seu aspecto mais interessante é que não teve um lado errado e um lado certo, bons e maus. Os dois lados estavam certos, ou os dois estavam errados, dependendo do ponto de vista. “[...] paralelepípedos revolvidos, que serviam de projéteis para essas depredações, coalhavam a via pública; em todos os pontos destroços de bondes quebrados e incendiados, portas arrancadas, colchões, latas, montes de pedras, mostravam os vestígios das barricadas feitas pela multidão agitada”. A “multidão agitada” combatia a polícia atirando, jogando pedras, ou o que tivesse à mão, atacava delegacias, quartéis, casa de armas, postos de saúde, destruía bondes e postes de iluminação. Assustado, o governo convocou batalhões sediados em Niterói, Lorena e São João Del Rei (CARVALHO, 1987).

<sup>2</sup> Para o senso comum a ignorância está associada as “malcriações” das crianças e as grosserias dos adultos.

# IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

orgulho de não precisar ir à escola, ou não sentem falta de ler um determinado livro ou conhecer o pensamento de um autor; também não querer acompanhar o noticiário, recusar conhecer determinada cultura, enfim, trata da atitude de aversão às produções da civilização, isso nos parece que a ignorância se envolve numa capa de autosuficiência ou arrogância como estilo de viver.

Inclui-se também aquela posição ignorante aquele que se orgulha nunca ter ido ao médico, ou fazer preventivo de câncer de útero ou próstata, dentre outros exames.

A ignorância, sobretudo quando é uma escolha do sujeito na escola ou na universidade, exerce uma função que boicota o processo de ensino-aprendizagem, porque são nesses estabelecimentos que é possível o acesso a um saber sistematizado, de base científica. Como aprender esse saber se o sujeito não se posiciona para tal?

Para a psicanalista e professora da USP, Leny Mrech, “esta posição pode ir se extremado a um tal ponto que os sujeitos adquiram uma verdadeira *paixão pela ignorância*, isto é, não só eles não querem saber, como acabam tendo raiva daqueles que querem saber. Com isso o sujeito é levado ao ponto mais baixo do saber(...). O que há por trás do saber levado ao seu mínimo? Há o gozo. O gozo enquanto uma satisfação pulsional e paradoxal que leva o sujeito a viver o pior, a manter um circuito de vida onde não haja mudança. Onde não haja investimento energético, onde haja apenas um cotidiano que continuamente se repete” (MRECH, 1999, p. 90-91).

A paixão pela ignorância começa através de atos como: resistir estudar, ler livros, jornais, ver documentários e/ou filmes com conteúdo mais elaborado, participar de eventos na escola e universidades, etc. Se é verdade que a escola é a única instituição capaz de evitar a barbárie, na previsão de Adorno (1995), ao escolherem ficar afastadas dos lugares de cultura<sup>3</sup> essas pessoas escolhem uma atitude próxima da barbárie.

O fanatismo religioso é um tipo de escolha de vida em que o sujeito fica abrigado do saber. A semelhança do autismo, o fanático vive numa espécie de bolha, impermeável à tudo que possa lhe proporcionar mais informação e conhecimento consistentes.

---

<sup>3</sup> Na década de 1970, Ivan Illich, propôs uma “sociedade sem escolas”. Ele próprio era professor universitário, até foi reitor. Ora, ainda que nossas escolas sejam medíocres, abolí-las conforme sua proposta, seria um mau maior. Porque uma sociedade sem escolas abriria espaço para a emergência de mais barbáries.

# IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

A substituição das escolas laicas pelas madrassas ou centros de doutrinação religiosa realizado pelos Talibans, no Afeganistão talvez seja o exemplo mais emblemático de um governo que fez opção pela ignorância. No seu governo foram queimados rádios, tv, fitas, livros, em praça pública. Outras ditaduras queimaram livros. Quando os livros começaram a ser queimados pelos nazistas, Freud teria dito: houve um pequeno avanço, porque antigamente eram queimadas pessoas.

Curiosidade: os fundamentalistas religiosos excluem o conhecimento sistemático, mas não necessariamente a tecnologia. Os fundamentalistas islâmicos, judaico e cristãos usam celular, assistem televisão, viajam de carro e avião, como também fazem uso da tecnologia para atos de terror.

Variante dessa segunda forma de ignorância é o sujeito que defende tese de doutorado, mas se comporta como ignorante no dia-a-dia, por exemplo: ignorando os cuidados de saúde, faltando com a higiene, sustentando uma aparência desleixada, ser desrespeitoso através de palavras e gestos, permanecer desinformado sobre os acontecimentos etc. Os alunos ficam perplexos ao perceber essas contradições. O professor melhoraria sua performance se tiver coragem para escutar seus alunos. Evidentemente que o saber doutoral não proporciona uma “sabedoria prática” de como viver bem, mas há uma demanda social de que um mínimo desse conhecimento deve beneficiar a vida do “doutor” e dos seus próximos.

O doutor ignorante estudou muito sobre um objeto, especializou-se em alguma área do conhecimento, mas que se revela ignorante, não no sentido de falta-saber, mas no sentido de *se recusar saber sobre algo*. No séc. 17, Francis Bacon alertava para quatro tipos de “ídolos” ou “erros” que contribuem para a ignorância, que são os: erros de tribo, erros de caverna, erros da feira, erros de teatro.

Ainda esta ignorância poderia se manifestar no trato com os colegas, na incapacidade de escutar conselhos e críticas para ele “trabalhar” suas falhas cognitivas, inadequações afetivas, emocionais e sociais. Focado no seu *status* de doutor – ainda que ele recuse o título ou demonstre não ser vaidoso com o seu saber – deixa escapar uma frase arrogante (ao dizer “falo como especialista...”), ou quando menospreza a erudição de alguém. Palavras agressivas e desrespeitosas revelam ignorância no trato social, sobretudo se o sujeito não se dispõe fazer autocrítica, condição necessária para ele

# IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

investir na sua adequação e prudência. Certas palavras funcionam como dardos, não retornam, e terminam ferindo aqueles mais sensíveis.

Dados estatísticos mostram essa situação no Brasil é o 37º lugar em compreensão de leitura na faixa dos 15 anos; 60% dos brasileiros não têm hábito de ler. Cerca de 40% dos professores da educação básica não lê sequer um livro por ano. Esses dados denunciam que o ambiente escolar é também dominado por essa forma perigosa de ignorância. Mesmo assim, já li artigos de colegas criticando aqueles que lêem muito como se isso fosse um vício. Se for, “bendito vício que não faz mal a ninguém”, diz o bibliófilo José Midlin (Entrevista ao Jornal da USP).

O historiador Jaime Pinky (2009), considera alguém que faz elogio da ignorância<sup>4</sup>, ainda que tente se passar por democrático, anarquista, libertário, anti intelectual, anti burguês, reforça em si próprio a imagem de alguém ignorante, arrogante e incapaz de confrontar o saber do Outro com o seu saber supostamente melhor.

**Será que paixão pela ignorância** seria mais um sintoma do espírito pós-moderno? Primeiro, porque ela desconsidera a leitura como meio de acesso ao saber e a cultura; segundo, porque tenta passar a idéia de que o investimento na leitura não é tão necessário para a formação do sujeito<sup>5</sup>. Essa lei *made in* superego pós-moderno autoriza alunos, professores e pais serem displicentes ou até avessos a leitura. O superego pós-moderno ordena: “desfrute”, “goze a vida”, “você pode e deve”. Não temos escapatória: devemos curtir a vida a qualquer preço, usando todos os meios que dispomos; e, se não

---

<sup>4</sup>A propósito do elogio à ignorância, a professora Maria Sylvania de Carvalho Franco alertou sobre pessoas capazes de cortar relações com você só porque se sentiu atingida com suas críticas ao seu posicionamento político-ideológico. Realmente, “é um apego ideológico, e ideologia emburrece”, desabafou. A professora ainda chama atenção sobre a ignorância da doutora em filosofia, Marilena Chauí, que certa vez teria dito: “Uma pessoa com a formação dela não pode dizer que, quando Lula abre a boca, o mundo se ilumina”. Ora, um professor fascinado ou apaixonado por um ídolo ou uma causa, está a um passo furar seus olhos e cair no pântano da ignorância. Nesse lugar histórico ele deixa de pensar para apenas adorar. O engeuicamento histórico suspende o juízo crítico.

<sup>5</sup> As pessoas cultas sabem identificar um “flagrante de delito de incultura”, que as incultas ignoram. Para Pierre Bayard (2007), a cultura é antes de tudo uma questão de “orientação” (sic). Isto é, ser culto não é ter lido este ou aquele livro, é saber se **orientar** no conjunto dos livros e saberes. Ser culto é estar em condições de situar cada elemento em relação aos demais.

# IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

fizemos devemos sentir culpa por isso. Slavoj Zizek, a quem pedimos emprestado esse conceito, nos pergunta: afinal, o que aconteceria se a criança entendesse que realmente tem livre escolha e optasse por dizer ‘não’ ir à escola, estudar as matérias escolares, ler livros? Notem como para a geração criada em nossa época qualquer obrigação é considerada chata. Se não chamados para arrumar seu quarto, resistem, porque é chato; e, são insensíveis quanto ao fato de alguém (mãe, empregada) ter que fazê-lo.

O superego pós-moderno instaura junto aos pais, professores e alunos uma perigosa sustentação da insensibilidade e da ignorância. Não se trata mais de introjetar a lei simbólica do Pai, herdeiro do Complexo de Édipo elaborado por Freud. Mas, numa sociedade liberal-permissiva, o castigo moral é suspenso, e é imposto a injunção “você pode”.

Agora “você pode” fazer e pode sentir prazer em fazer (transgredir), sem medo de castigo. “Você pode” comer o que quiser, a hora que lhe aprouver. “Você pode” até mesmo não ir a escola, ou não estudar...

Ao contrário do que pensam alguns especialistas, nossa sociedade é saturada de normas e regulamentos que visam promover o nosso bem-estar, principalmente o bem-estar das crianças, sobretudo se forem nossos filhos, observa Zizek (1999). O pai foi destituído do lugar tradicional como ser “forte”, “provedor”, “exemplo a ser seguido”. Ainda que legalmente os pais sejam “autoridades parentais”, eles não conseguem exercer sua autoridade plena sobre seus filhos, porque lhes falta uma rede simbólica de sustentação na sociedade.

Como hoje temos pais fraco, submisso, manco, domados ou castrados pelas mulheres, que, quando encarnam o estilo pós-moderno, demonstrando autonomia, e até arrogância, talvez tenhamos crianças sem bússola, sem orientação. Suspeito estar surgindo uma geração de crianças e adolescentes submetidas ao superegótico pós-moderno, cujos sintomas aparecem no programa documentário Super Nany, S.O.S Babá, Anjolecentes, A domadora, ou nas páginas policiais, envolvidas em delinqüências de gangs ou rchas de trânsito. Geralmente os pais dos delinqüentes juvenis só aparecem depois dos efeitos do crime. Elas são criadas numa atmosfera de “você pode” e “vale tudo” para ser feliz.



Nada contra se divertir, mas na análise de Zizek (1999) o problema é que os sujeitos se sentem na obrigação de se divertir, de ‘curtir a vida’, como se isso fosse uma espécie de dever, e, conseqüentemente, se sentem culpados quando não são felizes. O superego controla a zona na qual esses dois opostos se sobrepõem – na qual a ordem de sentir prazer em cumprir seu dever coincide com o dever de sentir prazer.

**A terceira forma de ignorância é a “douta ignorância”,** que foi pensada por Nicolau de Cusa (séc.15) e resgatada por Lacan para fundamentar a posição do psicanalista. A “douta ignorância” reconhece os limites do conhecimento racional. Sinaliza que o psicanalista não se faz pelo título, mas pela função atribuída ao paciente como de sabe-tudo-sobre-ele (SsS). Na verdade o psicanalista tem apenas um saber mínimo: o esforço de ouvir, ou escutar “flutuantemente” e com paciência o que o paciente tem a falar/ dizer. Não lhe cabe “ajudar” e nem “compreender”, mas incentivar o paciente a *falar* sobre sua história de vida, até chegar a poder *dizer* verdade do seu inconsciente. As sessões de psicanálise servem para produzir um saber-que-não-se-sabe, um saber “in-sabido” (Al.: *Unbewusste* = não sabido). A técnica da produção desse saber é formulada por Freud em três tempos: “rememorar, repetir e elaborar”. Isso só acontece se o psicanalista se posiciona como um sujeito “zerado” de preconceitos, e até de conhecimentos teóricos. Faz sentido o dito de Bion que o psicanalista deve se apresentar ao paciente “sem memória e sem desejo” como estratégia para o paciente chegar a dizer sua verdade. Evidentemente, vez ou outra, depois do paciente tem produzido um texto o psicanalista pode “interpretar”, “pontuar, fazer “ato”. Mas, *a priori* cabe-lhe um posicionamento de espera e escuta sobre o falar-dizer do Outro. O psicanalista que não sabe conter as palavras, no mínimo, não proporciona ao paciente elaborar um texto para ser trabalhado *a posteriori* na análise.

### **Considerações finais:**

Podemos continuamente estudar, ler, freqüentar diversos cursos, mas jamais teremos acesso ao saber todo. Por seu lado, a subjetividade humana sempre há um resto de ignorância, isto é, algo que sempre escapará a educação. A “coisa” inconsciente ficou lá no lugar “não sabido” (inconsciente), portanto, instintiva, autônoma, autoritária, não necessariamente maldosa.

# IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

Sempre haverá a ignorância própria do filósofo, que de modo algum é a suspensão da razão ou nem da ironia, mas sim, um reconhecimento dos limites intransponíveis da razão humana em relação a certas questões. “Sei que nada sei”, dizia Sócrates.

Vivemos a era dos extremos e dos absurdos. Também convivemos com o avanço da ciência e da tecnologia ao lado da crescente ignorância real e virtual. Vivemos numa era de Tântalo, aquela personagem da mitologia grega que foi castigado a estar imerso na água até o pescoço, mas impedido de matar sua sede, ou de comer os frutos dos galhos de uma árvore que balançava na sua frente. A abundância de telas com suas imagens, informações, até conhecimentos são transmitidos, mas nem todos sabem escolher o caminho da ascese. Na verdade, a maioria dos programas televisivos e dos *sites* da internet contribui para a manutenção da ignorância do povo, fornecendo informação rasa, acrítica e descartável.

Nossa preocupação, aqui, é sobre a nova roupagem do superego na sociedade liberal-permissiva que opera com o princípio do gozo e não da ética do desejo. Uma sociedade assim constituída poderia estar produzindo uma família e uma escola reféns do superego pós-moderno, cujo fundamento é alargar o espaço entre o prazer e o dever. Ainda que a criança não viole os dez mandamentos do cristianismo, por exemplo, ela se sente autorizada à violar – sem culpa – as regras de coexistência pacífica e caminhar na contramão da civilidade.

## Referências

ADORNO, T. (1995) *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

ANGELO, R. C. (2009) *Concepções de fracasso escolar: de percepções fragmentadas à percepção complexa*. Dissertação de mestrado. Universidade Nove de Julho – UNINOVE, São Paulo.

ANGELUCCI, Carla Biancha. KALMUS, Jaqueline Renata Paparelli; PATTO, Maria Helena Souza. (2004) *O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório*. *Educação e Pesquisa*. São Paulo: vol. 30 no.1, Jan./Apr.

ALMEIDA, C. R. S. de; PETRAGLIA, I. (orgs.). (2006) *Estudos de Complexidade*. São Paulo: Xamã. 2006.

IX CONGRESSO NACIONAL  
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL  
ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
6 a 8 de julho de 2009  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

BAYARD, P. (2007) *Como falar dos livros que não lemos?* Rio de Janeiro.

CARVALHO, J.M.(1987) “Cidadãos ativos: a revolta da vacina”. Cap.4. In: CARVALHO, J. M. *Os bestializados*. São Paulo: C. Letras.

CHARLOT, Bernard. (2000) *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

COIMBRA, S. R. da S.(2004) *Do fracasso familiar ao fracasso escolar: fragmentos de um discurso*. In. Joaçaba – SC: Unoesc. Revista Roteiro, \unioesc. V. 29, n. ½, p.7-28, jan./dez.

COLLARES, C.A.L. e MOYSÉS, M.A.(1996) *Preconceitos no cotidiano Escolar*. São Paulo, Cortez.

HELLER, A.(1990) *Sociologia da vida cotidiana*. Barcelona: Península, 1987. PATTO, M. H. de S. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: T. A. Queiroz.

HURSTEL, F.(1999) *As novas fronteiras da paternidade*. Campinas: Papirus.

MRECH, L. (1999) *Psicanálise e educação: novos operadores de leitura*. São Paulo: Pioneira.

PINSKI, J. Disponível no seu blog:  
<http://www.jaimepinsky.com.br/site/main.php?page=index>> Acesso em:  
16/02/2009.

RAMIRES, V. R.(1997) *O exercício da paternidade hoje*. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos Ventos.

SOUZA, D. T. R. de. (2006) *Formação continuada de professores e fracasso escolar: problematizando o argumento da incompetência*. São Paulo: *Educação e Pesquisa*. vol. 32 nº. Sept./Dec. 2006.

ZIZEK, S.(1990) *Eles não sabem o que fazem. O sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ZIZEK, S.(1999) O superego pós-moderno. In: *Folha de S. Paulo – Mais!* 23/ maio/ 1999, p. 5-8.

**IX CONGRESSO NACIONAL  
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL  
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
**6 a 8 de julho de 2009**  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

**IX CONGRESSO NACIONAL  
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL  
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos  
**6 a 8 de julho de 2009**  
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566